

O que os futuros administradores públicos, capaz de lotar o maior dos estádios previstos para a Copa de 2014, pensa sobre os problemas e as soluções de infraestrutura para as cidades brasileiras

POR EDUARDO JOSÉ BERNINI*

“Se o Papai fosse eleito”

Você se lembra de William Blanco Abrunhosa Trindade? Dito dessa forma, talvez você seja traído pela memória e diga não. Mas, e se eu perguntar por Billy Blanco, arquiteto, músico, compositor e escritor? Daí, a resposta tende a ser sim. Sobretudo se você tiver mais de cinquenta anos de vida e não tiver passado os trinta primeiros em alguma expedição marciana.

Como paulistano, posso até tentar puxar a sardinha para a “Sinfonia Paulistana” como meu poema épico favorito (o que não é verdade; se assim fosse, como classificar a “Sinfonia do Rio de Janeiro”, ainda mais com a música de Antonio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim?). Mas são os seus sambas sincopados, em que fazia com humor e fina ironia a crônica social e política de um Brasil que continua o mesmo desde os tempos do Bispo Sardinha e da carta de Pero Vaz de Caminha a El Rei D. Manuel, uma permanente antropofagia cultural, social e política, que nos levam à trilha sonora do tema de hoje: as cidades e sua infraestrutura.

“Já pensou papai eleito, vereador ou prefeito, dessa grande capital? Ai vai haver disse-me-disse...” nos canta o poeta e compositor em “Se o Papai fosse eleito” - uma imagem perfeita para lembrar que, neste ano da graça de dois mil e doze, teremos eleições amplas, gerais e irrestritas em todos os 5.565 municípios brasileiros, que elegerão igual número de prefeitos e um número aproximado (há controvérsias) de 60 mil vereadores. O que essa multidão de futuros administradores públicos, capaz de lotar o maior dos estádios previstos para a Copa de 2014, pensa sobre os problemas e as soluções para as cidades brasileiras, desde as “super-hiper” megalópoles conurbadas e conturbadas, como as regiões metropolitanas do Rio de Janeiro e de São Paulo, até as pequenas comunidades isoladas nos mais distantes rincões dos 8.514.876 quilômetros quadrados da República Federativa do Brasil?

Eça de Queiroz, na sua seminal obra “As Cidades e as Serras”, relata, por meio do narrador José Fernandes, a travessia de Jacinto de Tormes entre a supervalorização da civilização e da natureza. E mostra como a síntese pode advir do equilíbrio entre o progresso (sobretudo tecnológico) e seu papel na transformação das relações



Como é possível pensar nas grandes questões da política energética sem associá-las aos desafios de mobilidade, emprego e renda, ocupação do solo e tantos outros

econômicas e sociais e, portanto, humanas.

Contudo, se a amostra do debate registrado nos anais das campanhas políticas anteriores – e mesmo no curto intervalo que sobra entre a desmobilização da campanha anterior e a preparação para a próxima – é suficientemente significativa, será inevitável concluir que Billy Blanco retrata melhor o que vai pelo pensamento das nossas lideranças políticas do que uma releitura ajustada ao nosso tempo e espaço da obra de Eça de Queiroz.

Trazendo o foco para o mundo da energia, como é possível pensar nas grandes questões da política energética (qualidade, continuidade, segurança e sustentabilidade econômica, social e ambiental para saciar a fome energética) sem associá-las aos desafios de mobilidade, emprego e renda, ocupação do solo, vocação econômica, desenvolvimento tecnológico e consequentemente “qualidade de vida”, que deveriam constituir o cerne dos debates sobre as políticas urbanas, sobretudo aquelas ligadas ao repensar da infraestrutura das cidades?

Usando o método Jack, the Ripper, e considerando que este espaço jamais será suficiente para abordar todos os dilemas, vamos pelas partes: se há consenso de que o quadro das grandes cidades brasileiras é calamitoso, o que estamos fazendo para que as cidades que ainda não atingiram esse estágio não reproduzam essa catástrofe? Como estamos em pleno pós-carnaval, a música para e o silêncio invade a avenida...

Ainda mais preocupante é o fato de que hoje, de acordo com dados da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), apenas 0,5% das cidades brasileiras registram populações acima de 500 mil habitantes, mas congregam 32,4% da população brasileira. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mais de 90% dos municípios enfrentam problemas ambientais e apenas um com mais de 500.000 habitantes (Porto Alegre) declara a não ocorrência de problemas ambientais frequentes e impactantes.

Voltando a puxar sardinha para a nossa brasa: como planejar de forma criativa e positiva o futuro de Pindorama, país do futuro, sem repensar as nossas cidades? Como planejar, no sentido de transformar e reverter este quadro catastrófico, o sistema de suprimento e fornecimento de energia (gás, eletricidade, combustíveis), telecomunicações, água, saneamento, sem repensar o quanto estamos



YOUR WAY

sendo omissos e submissos no planejamento urbano? Como pensar em eficiência (energética, nas telecomunicações, no saneamento), sem pensar no reordenamento do uso do solo e do subsolo das cidades? Como já afirmei em artigo anterior, muita “energia” foi e vem sendo aplicada para equacionar os temas de suprimento e oferta em escala macroscópica, mas pouca atenção tem sido dispensada em como fazer chegar o volume e a qualidade necessária até o usuário final (o que vale para energia elétrica, gás, água, telecomunicações, saneamento, transporte e todo um vasto etc.).

Na essência, cidades são constituídas de redes. Redes que garantem a mobilidade de pessoas e de cargas, redes que levam e trazem informações, redes que administram a sujeira da vida urbana, redes que nos trazem conforto e bem estar, redes que integram entre si e são capazes de gerar ou de destruir valor, tanto de forma ativa (quando resultam de ações organizadas, planejadas, com objetivos claros e resultados concretos) quanto de forma passiva (que é a situação que vivemos hoje, fruto de descabros históricos que nos deixam um travo amargo como indicativo do futuro). As verdadeiras “redes sociais”, pois tratam do mundo concreto e não de relacionamentos virtuais.

As explosões eletrizantes de bueiros, internet talento(sas) – que garante a entrega só de 10% da velocidade contratada -, congestionamentos que se incorporam ao cotidiano a ponto de somente

virarem notícia quando os centros urbanos se esvaziam, transferindo seus engarrafamentos para as praias e montanhas, rios e córregos poluídos, vastas áreas urbanas degradadas, são sintomas de uma doença crônica, porém curável. Mas o paciente não pode ficar abandonado a sua própria sorte.

“Ainda hei de ser bacana, ainda hei de andar de carro, com a plaquinha do CD, motocicletas na frente, assustando toda gente, pondo banca com você...”. Assim começa o samba. E termina com “até você, Risoleta, que não me dá bola, me enxergando de cartola, vai cair dura para trás...”.

Por enquanto, quem está caindo dura pra frente, pra trás e para os lados, são as nossas cidades. Quosque tandem abutere Catilina patientia nostra? E para não perder o latim, “ridendo castigat mores”. ■

***Eduardo José Bernini**, economista, gosta de samba, parece ser um bom sujeito, dizem que é bom da cabeça, mas é doente do pé.